

## Os efeitos da crise

Crescimento da carteira vencida no sistema financeiro, em %

	Mar	Jun	Jul	Ago	Set	Out.	Nov.
<b>Crescimento da carteira total</b>	5.3	1.3	-1.1	0.4	0.7	2.3	1.2
<b>Crescimento da carteira vencida</b>	14.7	2.7 <sup>3</sup>	9.2	6.5	0.6	5.8	4.0
<b>Índice de atrasos</b>	11.1	14.7	16.2	16.2	17.2	17.8	18.3
<b>Reestruturações / Carteira total</b>		3.7	7.0	9.6	10.7	15.1	19.4

# Balança favorece México em 95

## Recessão estimula exportações e negócios com o Brasil chegam a US\$ 812 milhões

por Rodrigo Mesquita de Brasília

A crise financeira do México atingiu fortemente o comércio bilateral com o Brasil. No ano passado, pela primeira vez nos últimos oito, a relação apresentou déficit do lado brasileiro. Foram US\$ 316 milhões, segundo dados do Ministério da Indústria, do Comércio e do Turismo (MICT). Em 1994, o superávit, a favor do Brasil, foi de US\$ 727,57 milhões.

"O mercado interno mexicano encolheu com a recessão e o país passou a se esforçar mais para exportar", explicou a este jornal o secretário adjunto de Comércio Exterior do MICT, Hélio Mauro França. A exportação para o México despençou de US\$ 1,049 bilhão em 1994 para US\$ 496 milhões no ano passado, enquanto a importação cresceu

de US\$ 332,394 milhões para US\$ 812 milhões registrados em 1995.

"A médio prazo deveremos voltar à normalidade, mas nunca mais registraremos os superávits do passado", diz França. A velocidade desse retorno dependerá, entretanto, de dois fatores: do esforço brasileiro para reequilibrar suas contas externas (no ano passado o déficit comercial foi de US\$ 3,157 bilhões) e do reaquecimento da economia mexicana com o conseqüente aumento do poder de compra do país.

Entre 1990 e 1994, o Brasil saiu de um superávit de US\$ 315 milhões (1990) para US\$ 727 milhões registrados em 1994. Esse desempenho, diz França, pode ser explicado, em boa medida, pelos anos de euforia que antecederam a crise do mercado de capitais, no começo de 1995.

Nesse sentido, os resultados não refletiam, com exatidão, a real dimensão do comércio entre os dois países que, desconsiderando-se os anos da crise do petróleo, quando o Brasil importou caro o produto (do qual o México é grande exportador), sempre esteve relativamente equilibrado (com um pequeno superávit a favor do Brasil).

O perfil das exportações brasileiras para o México não é diversificado. As vendas se concentram em produtos siderúrgicos e componentes. No ano passado, acessórios e partes de automóveis ficaram em primeiro lugar, com US\$ 26,414 milhões. Em segundo lugar ficaram os laminados planos, com US\$ 22,718 milhões.

Do ponto de vista das importações, o setor automobilístico

ficou com a primeira posição. Os dois primeiros lugares da pauta foram ocupados pelos automóveis (US\$ 166,118 milhões, ante US\$ 52,690 milhões no ano anterior) e pelos motores (US\$ 27,362 milhões).

A exportação de produtos siderúrgicos, que foi a estrela de anos anteriores, caiu sensivelmente desde que o México impôs uma sobretaxa ao produto brasileiro como retaliação por uma suspeita de prática de "dumping". "Os empresários brasileiros estão alarmados", diz Hélio Mauro. Não só com a queda, mas também porque os mexicanos estão bastante agressivos no mercado externo e ocupando o lugar do Brasil junto a parceiros tradicionais como o Chile e a Venezuela, conta o secretário adjunto.